

Relos Palcos

O BERÇO DO SAMBA

A palavra samba (para o folclorista Édison Carneiro, vem de samba, que num dialeto angolano significa umbigada) servia, na linguagem popular do Rio de Janeiro da época, para identificar uma reunião musical animada por qualquer tipo de música dos negros. "Vamos a um samba", diziam. Por ser a população carioca formada por emigrantes de todo o Brasil, as músicas cantadas naquelas reuniões eram enriquecidas por contribuições de várias origens, especialmente do Nordeste e de Minas Gerais. A soma de todas as influências acabou por gerar novos ritmos que receberam o nome genérico de samba. Desses ritmos, o preferido tinha um refrão acompanhado de versos improvisados, exatamente como o samba cantado por Mano Elói em Mangueira. Sua popularidade se desvia ao ritmo contagiante, ao desafio da improvisação, como já ocorria na música nordestina, e à dança rica e bonita pela variedade de passos e pela habilidade dos dançarinos em se movimentar com graça sem levantar os pés do chão.

As reuniões musicais com samba eram muito comuns na região ocupada pela comunidade negra, merecendo maior destaque aquelas promovidas por senhoras baianas, todas conhecidas como tias. Tia Gracinda, Tia Sadata (fundadora do Rancho da Sereia), Tia Dadá, Tia Amélia (mãe do compositor) Donga - Ernesto dos Santos), Tia Presciliana de Santo Amaro (mãe do sambista João da Baiana - João Machado Guedes) eram algumas dessas tias, todas exercendo uma liderança tão forte que não seria exagero afirmar que prevalecia o matriarcado na comunidade negra. Um dos sambistas mais importantes do princípio do século, Didi da Gracinha, tinha tal apelido porque era marido de Tia Gracinda. O próprio João da Baiana ficou assim conhecido por ser filho de uma baiana de prestígio.

De todas as tias, a mais famosa e a mais importante foi Tia Ciata (alguns dizem Seata; outros, Asseata e também Assiata), em cuja casa os pesquisadores asseguram ter nascido o samba carioca. Seu verdadeiro nome era Hilária Batista de Almeida, uma mulata muito bonita, que chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1870, com 20 anos de idade. Instalada no Rio, Tia Ciata passou a ganhar a vida com um tabuleiro de quitutes baianos na rua Sete de Setembro. Ainda jovem, começou a conquistar prestígio na comunidade, chamando a atenção nas festas, em que se destacavam pela beleza e pela graça com que dançava. Casou-se com o médico negro João Batista da Silva (que chegou a ser oficial de gabinete do chefe da polícia, no tempo em que Venceslau Brás foi presidente da República) e teve 26 filhos.

O casal morou na rua Visconde de Itaúna (a casa e a rua desapareceram com a construção da avenida Presidente Vargas), ao lado da praça Onze. Era um casarão com seis quartos, duas salas e um longo corredor. No quintal, um abacateiro que vivia pelado, tantas eram as folhas arrancadas para fazer o chá que combatia a ressaca após as intermináveis festas promovidas por Tia Ciata. Era também uma líder religiosa. Em sua casa o povo negro se reunia em cultos de candomblé. Como **cantar, tocar ou dançar samba em lugares públicos era proibido, os sambistas recorriam às casas religiosas para se divertir**, confiando na ignorância da polícia, incapaz de distinguir sambas de músicas religiosas. Numa entrevista concedida muitos anos depois, João da Baiana contou que era comum a chegada inesperada da polícia a essas casas, sempre com o mesmo pretexto: "Recebemos a denúncia de que nesta macumba se canta samba". O preconceito, na época, contra as músicas de origem negra pode ter como exemplo a violenta reação ao fato de um violonista ter tocado, em 1914, o Corta jaca, de Chiquinha Gonzaga, numa festa realizada no palácio presidencial (o marechal Hermes era o presidente da República). Os estudantes promoveram passeatas contra o governo e, em discurso no Senado, Rui Barbosa protestou veemente, afirmando, entre outras coisas, que o Corta jaca era uma dança selvagem, "irmã do batuque, do cateretê e do samba".

Foi na casa de Tia Ciata que nasceu o Pelo telefone, de Donga e Mauro de Almeida, considerado o primeiro samba gravado (a gravação ocorreu em novembro de 1916). É verdade que, antes dele, foram gravados discos com música identificadas como sambas, mas que não o eram, assim como houve sambas genuínos registrados como se fossem outros ritmos. Mas não há dúvida de que foi a partir de Pelo telefone que o samba passou a ser reconhecido pelas gravadoras como um gênero musical. Curiosamente, o samba chegou ao disco com uma estrutura musical que nada tinha a vez com o partido alto das antigas reuniões da comunidade negra. No eram muito mais maxixes do que propriamente sambas (inclusive o Pelo telefone). **Surgido no Rio de Janeiro entre 1870 e 1880, o maxixe foi o primeiro gênero musical brasileiro de caráter urbano, e rapidamente conquistou a preferência dos instrumentistas, dos compositores e do público, principalmente pela sensualidade de sua dança.** Acabou por influenciar o samba a tal ponto que o chamado samba amaxixado reinou durante toda a década de 20, período em que os compositores mais destacados do gênero foram Sinhô (José Barbosa da Silva), Caninha (José Luís de Moraes), José Francisco de Freitas, Eduardo Souto, o próprio Donga e tantos outros.